

02078

13 FFV 1997

COMPUTADORES*Impressoras Matriciais - Laser - Jato de tinta - FAX***Aluguel 253-6712 e 253-6388**

PANORAMA ECONÔMICO



MÍRIAM LEITÃO

Sem desculpas

• Depois de um janeiro consumido pela discussão da reeleição e de parte de fevereiro engolida pelo carnaval, o ano vai começar. Avaliadores de risco e investidores olharão para dois pontos: risco cambial e risco fiscal. O segundo mais do que o primeiro, porque déficits externos temporários o país pode acumular, se estiver sendo financiado. Mas só será financiado se o déficit fiscal for visto como um problema que está sendo enfrentado.

Não há nada no horizonte que nos tranqüilize em relação às contas públicas. Pelo contrário, o país já começou a viver novamente o mesmo processo que no passado provocou o adiamento de medidas de ajuste fiscal.

O acerto nas contas está sempre sendo apresentado como dependente de uma outra conquista. O ministro-chefe da Casa Civil, Clóvis Carvalho, disse durante o carnaval que a reforma da Previdência é indispensável para o ajuste fiscal. Desta forma ele repete um erro freqüente do Governo: o de encontrar uma desculpa para não fazer o ajuste.

Que a reforma da Previdência é essencial, não há dúvida. Mas o Governo não se empenhou o suficiente por ela, não apresentou um bom projeto e acabou se contentando com o substitutivo Michel Temer, que piorou o projeto original. Agora, no terceiro ano de mandato, é tomado por um súbito sentimento de urgência. Está parecendo que de novo o Governo vai entrar na armadilha de esperar uma reforma para então esperar as outras.

O ajuste das contas públicas é uma batalha sem tréguas em todas as frentes. Portanto, tão

indispensável quanto a reforma da Previdência é o enxugamento da máquina, que se faria com o fechamento de órgãos, assunto aparentemente esquecido; é a reforma administrativa; é a reforma tributária. Todas são indispensáveis, mas mais importante é que o Governo tenha uma estratégia para enfrentar seu desequilíbrio este ano, antes que se chegue ao fim do ano com a mesma melancólica constatação do ano passado. No início de 96, o ministro Pedro Malan disse que aquele seria o ano da virada fiscal. Foi o ano em que a equipe econômica descobriu que o ajuste fiscal era tarefa mais difícil do que imaginara.

Como a reforma da Previdência depende da aprovação no Senado, e se algo for mudado, como se espera, terá que voltar à Câmara, o Governo precisa dizer já como pretende fazer a redução do déficit em 97. O que é explosivo é a sucessão de déficits externos — o déficit em conta corrente foi de US\$ 17 bilhões em 95, US\$ 24 bilhões em 96, e pode chegar a US\$ 30 bilhões este ano — com repetidos déficits fiscais — o buraco nas contas, nos dois últimos anos, ficou em 5% do PIB.